A Igreja tem em si uma abertura a todos os povos e culturas de todos os tempos

Na audiência geral, o Papa Francisco explicou o que significa a catolicidade da Igreja e a "inculturação": "Ser capaz de proclamar a Boa Nova de Cristo Salvador, respeitando o que é bom e verdadeiro nas culturas". PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 13 de outubro de 2021

Catequese sobre a Carta aos Gálatas 11. A liberdade cristã, fermento universal de libertação

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário catequético sobre a *Carta aos Gálatas*, pudemos concentrar-nos no que São Paulo considera o âmago da liberdade: o fato de, com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, termos sido libertados da escravidão do pecado e da morte. Em outras palavras: somos livres porque fomos libertados, libertados por graça – não por pagamento – libertados pelo amor, que se torna a lei suprema e nova da vida cristã. O amor: somos livres

porque fomos libertados gratuitamente. Este é precisamente o ponto-chave.

Hoje gostaria de salientar como esta novidade de vida nos abre para acolher cada povo e cultura e, ao mesmo tempo, abre cada povo e cultura a uma maior liberdade. Na verdade, São Paulo diz que para aqueles que aderem a Cristo, já não importa se são judeus ou pagãos. Conta apenas "a fé que atua pela caridade" (Gl 5, 6). Crer que fomos libertados e crer em Jesus Cristo que nos libertou: esta é a fé ativa pela caridade. Os detratores de Paulo aqueles fundamentalistas que lá tinham chegado – atacavam-no por esta novidade, alegando que tinha tomado esta posição por oportunismo pastoral, ou seja, para "agradar a todos", minimizando as exigências recebidas da sua mais estreita tradição religiosa. É o mesmo discurso dos fundamentalistas de

hoje: a história repete-se sempre. Como podemos ver, a crítica a cada novidade evangélica não é apenas da nossa época, mas tem uma longa história. No entanto, Paulo não permanece em silêncio. Responde com parrésia – é uma palavra grega que indica coragem, força – e diz: "Porventura procuro eu agora conciliar o favor dos homens, ou o de Deus? Ou procuro agradar aos homens? Se procurasse agradar aos homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1, 10). Já na sua primeira Carta aos Tessalonicenses expressouse em termos semelhantes, dizendo que na pregação "nunca usamos de adulação, [...] nem fomos levados por interesse algum [...]. Não procuramos a glória entre os homens" (1 Ts 2, 5-6), que são as vias do "faz de conta"; uma fé que não é fé, é mundanidade.

Mais uma vez, o pensamento de Paulo mostra-se de uma profundidade inspirada. Para ele, aceitar a fé significa renunciar não ao coração das culturas e tradições, mas apenas ao que pode impedir a novidade e a pureza do Evangelho. Porque a liberdade obtida pela morte e ressurreição do Senhor não entra em conflito com as culturas e tradições que recebemos, mas introduz nelas uma nova liberdade, uma novidade libertadora, a do Evangelho. Com efeito, a libertação obtida através do batismo permitenos adquirir a plena dignidade de filhos de Deus, de modo que, enquanto permanecemos firmemente enxertados nas nossas raízes culturais, ao mesmo tempo abrimo-nos ao universalismo da fé, que entra em cada cultura, reconhece os germes de verdade presentes nela e desenvolve-os, levando à plenitude o bem nelas contido. Aceitar que fomos libertados por Cristo – a sua paixão, a sua morte, a sua ressurreição - é aceitar

e levar a plenitude também às diversas tradições de cada povo. A verdadeira plenitude.

Na chamada à liberdade descobrimos o verdadeiro significado da inculturação do Evangelho. Qual é este verdadeiro significado? Ser capaz de proclamar a Boa Nova de Cristo Salvador, respeitando o que é bom e verdadeiro nas culturas. Isto não é fácil! Há muitas tentações de impor o próprio modelo de vida como se fosse o mais evoluído e desejável. Quantos erros foram cometidos na história da evangelização ao querer impor apenas um modelo cultural! A uniformidade como regra de vida não é cristã! A unidade sim, a uniformidade não! Às vezes, nem sequer se renunciou à violência a fim de fazer prevalecer o próprio ponto de vista. Pensemos nas guerras. Desta forma, a Igreja privou-se da riqueza de tantas expressões locais

que têm em si as tradições culturais de povos inteiros. Mas isto é exatamente o oposto da liberdade cristã! Por exemplo, vem-me à mente quando se afirmou o modo de fazer apostolado na China com o padre Ricci ou na Índia com o padre De Nobili... [Alguém dizia]: "Mas não, isto não é cristão!". Sim, é cristão, está na cultura do povo.

Em suma, a visão de liberdade própria de Paulo é iluminada e enriquecida pelo mistério de Cristo, que na sua encarnação - como recorda o Concílio Vaticano II – se uniu de certo modo a cada homem (cf. Const. past. Gaudium et spes, 22). E isto significa que não há uniformidade, ao contrário, há a variedade, mas variedade unida. Disto deriva o dever de respeitar a origem cultural de cada pessoa, colocando-a num espaço de liberdade que não seja restrito por qualquer imposição ditada por uma

única cultura predominante. Este é o significado de nos chamarmos católicos, de falarmos da Igreja católica: não é uma denominação sociológica para nos distinguir dos outros cristãos; católico é um adjetivo que significa universal: a catolicidade, a universalidade. Igreja universal, isto é, católica, significa que a Igreja tem em si, na própria natureza, uma abertura a todos os povos e culturas de todos os tempos, pois Cristo nasceu, morreu e ressuscitou para todos.

Por outro lado, a cultura está, pela sua natureza, em contínua transformação. Pensemos em como somos chamados a proclamar o Evangelho neste momento histórico de grande mudança cultural, onde parece predominar a tecnologia cada vez mais avançada. Se pretendêssemos falar da fé como se fazia nos séculos passados, correríamos o risco de já não sermos

compreendidos pelas novas gerações. A liberdade da fé cristã – a liberdade cristã – não indica uma visão estática da vida e da cultura, mas uma visão dinâmica, uma visão dinâmica inclusive da tradição. A tradição cresce, mas sempre com a mesma natureza. Por conseguinte, não pretendamos ter a posse da liberdade. Recebemos um dom que deve ser preservado. E é a liberdade que pede a cada um de nós para permanecer num caminho constante, orientados para a sua plenitude. É a condição de peregrinos; é o estado dos caminhantes, num êxodo contínuo: libertados da escravidão para caminhar rumo à plenitude da liberdade. E este é o grande dom que Jesus Cristo nos doou. O Senhor libertou-nos da escravidão gratuitamente e pôs-nos na via para caminhar na plena liberdade.

Saudações:

Queridos fiéis de língua portuguesa, a todos vos saúdo e desejo que se fortaleça cada vez mais, nos vossos corações, o sentir e o viver com a Igreja, perseverando na reza diária do terço. Podereis assim reunir-vos cotidianamente com a Virgem Mãe, aprendendo d'Ela a cooperar plenamente com os desígnios de salvação que Deus tem sobre cada um. O Senhor vos abençoe, a vós e aos vossos entes queridos.

pdf | Documento gerado automaticamente de <u>https://opusdei.org/pt-br/article/papa-francisco-galatas-11-2021/ (12/12/2025)</u>